

CULTURA DA VIOLÊNCIA E O MEDO DO OUTRO: OBSERVAÇÕES SOBRE MEDOS, VIOLÊNCIA E JUVENTUDE NO BRASIL ATUAL

Mauro Guilherme Pinheiro Koury¹

Resumo: O presente artigo busca discutir a cultura e a indústria do medo no Brasil atual. Faz uma relação entre juventude e violência, e as consequências desta correlação através das proposições levantadas pela mídia brasileira no imaginário nacional. Busca compreender este processo tendo em vista a questão da formação dos jovens no país, em um momento de mudanças significativas dos padrões de comportamento, que pulveriza os valores sociais e caminha a passos largos para o individualismo crescente e uma ampliação do medo do outro, no interior das formas interativas a que estão sujeitos não apenas a juventude, mas a população em geral.

Palavras Chaves: Medos, Violência, Juventude, Indústria e Cultura do Medo, Brasil.

Culture of the Violence and the fear of the other: Comments on fears, violence and youth in current Brazil.

Abstract: The present article searches to argue the culture and the industry of the fear in current Brazil. It makes a relation between youth and violence, and the consequences of this correlation through the proposals raised for the Brazilian media in the imaginary national one. Search to understand this process in view of the question of the formation of the young in the country, in one moment of significant changes of the behaviour standards. Fomenting the spraying of social values and it walks for the increasing individualism and the magnifying of the fear of the other, in the interior of the interactive forms where are involved not only youth, but the population in general.

Keywords: Fears, Violence, Youth, Industry and Culture of the Fear, Brazil.

Cultura de la violencia y el miedo del otro: Comentarios sobre miedos, violencia y la juventud en el Brasil actual.

Resumen: Este trabajo busca discutir la cultura y la industria del miedo en el Brasil actual. Hace una relación entre la juventud y la violencia, y las consecuencias de esta correlación con las ofertas planteadas por la media brasileña en el imaginario nacional. Busca entender este proceso teniendo en vista la cuestión de la formación de los jóvenes en el país, en un momento de cambios significativos de los estándares del comportamiento. Fomentando la rociadura de valores sociales y el camino para el individualismo y la ampliación del miedo del otro, en el interior de las formas interactivas la que están sujetos no solo la juventud, mas la población en general.

Palabras claves: Miedos, violencia, juventud, industria y cultura del miedo, Brasil.

¹ Coordenador do GREM. Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia da Emoção da Universidade Federal da Paraíba.

A violência juvenil é normalmente entendida através das atitudes transgressoras físicas, verbais e simbólicas de jovens contra outros jovens, contra pessoas da vizinhança nas ruas e bairros onde moram, contra colegas ou autoridades nas escolas e, inclusive, contra os pais, e contra a sociedade em geral.

Apoiando-se em dados de uma pesquisa promovida pela UNESCO, Castro (2001) afirma que as características que determinam a identidade de uma geração de jovens no Brasil são o medo, a exposição à violência e a participação ativa em atos violentos. A vida de muitos desses jovens são ceifadas no cotidiano de uma vida social onde a violência é a regra, e ganha contorno de um processo contínuo e brutal. Perdas de vida e banalização do humano jovem acontecem hoje cotidianamente, de uma forma jamais vista em outros tempos, excetuando-se as épocas de guerra.

Abramovay, no relatório preliminar da pesquisa *“Vitimização nas Escolas”* para a UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e Cultura, discute a vulnerabilidade social da geração atual de jovens brasileiros, através da insegurança pessoal a que estão submetidos e aos sentimentos de incerteza sobre o futuro, dada a propensão à mobilidade descendente a que estão sujeitos.

Os dados recentemente divulgados indicam que 83,4% dos estudantes da rede pública de ensino fundamental e médio do país vêem violência onde estudam (Folha de São Paulo, 28/04/2004). De acordo com os resultados da pesquisa, *“o roubo é o tipo mais freqüente, citado por 69,4% dos estudantes entrevistados. Destes, 37,1% afirmam já terem sido vítimas de furtos e 4,8% assumem terem participado de algum tipo de assalto na unidade escolar”* (Folha de São Paulo, 28/04/2004).

Miriam Abramovay, coordenadora da pesquisa, alerta para a banalização do roubo nas escolas públicas do país, pela freqüência com que vem sendo desenvolvido e pelas não respostas das autoridades escolares quando questionados. O que, para ela, provoca um aumento da vulnerabilidade e insegurança social (Folha de São Paulo, 28/04/2004): onde vaga um sentimento de que todos são culpados e, ao mesmo tempo, vítimas, gerando incerteza, apatia, ou um sentimento de frustração e anomia entre os jovens.

O crescimento das agressões aos colegas e ao corpo docente e de funcionários também foi apontado pela pesquisa da UNESCO, bem como o receio provocado pela visão de armas no ambiente escolar: quase 48% dos jovens entrevistados afirmar já terem visto canivetes, facas e revólveres na mão de alunos no interior da unidade escolar.

Para Abramovay, enfim,

“na escola tem funcionado a lei do silêncio, em que os alunos fingem que nada está acontecendo, os diretores ignoram e os professores também não falam, muitas vezes até por medo de represália. Com isso a escola se torna um lugar desprotegido e não consegue passar os valores mínimos” (Folha de São Paulo, 28/04/2004),

necessários à formação dos jovens e sua inclusão social.

Violência, Pobreza e Juventude

Pesquisas desenvolvidas em bairros populares de várias capitais brasileiras também apontam o crescimento da vulnerabilidade dos jovens e as ameaças a sua segurança pessoal no cotidiano de suas existências. Apontam também para o aumento das transgressões entre os jovens habitantes dos bairros populares, em pequenos furtos, assaltos à mão armada, envolvimento com drogas e prostituição, vagar pelas ruas dos bairros ou da cidade onde moram para ‘zoar’ e mesmo intimidar os passantes, que normalmente os evitam, quando não os agridem ou demonstram expressões de medo.

A incerteza quanto ao futuro, a falta de políticas sociais de inclusão, a violência social que os exclui², através de uma cultura do medo que os considera marginais perigosos, a serem evitados

² É importante notar que a incerteza do futuro grassa não apenas os jovens de camadas sociais mais baixas, mas atinge a classe média em seu conjunto. Dados apresentados pela Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE, faz um retrato das despesas e rendimentos dos brasileiros nos anos de 2002 e 2003, e demonstra que o rendimento das famílias brasileiras não está sendo suficiente para manter as

e, às vezes, exterminados, banaliza o teor social de incerteza presente nas atitudes dos jovens e para os jovens pobres, aumentando a sua exclusão e fazendo crescer as atitudes agressivas deles e das relações entorno (TAKEUTI, 2002; MARTINS, 1993; GAJOP, 1993; VIANA, 1997; COSTA, 1998; DIÓGENES, 2002, SPOSITO, 1994, entre outros).

Dados apresentados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), revelam que no ano de 2002 40 mil pessoas foram assassinadas no país. O que equivale a 11% dos homicídios ocorridos no mundo, em uma população que responde apenas a 2,8% da população mundial (Jornal do Comércio, 29/04/2004).

Segundo o coordenador da pesquisa:

“Em um País que está em paz, é difícil conceber que haja tantas mortes resultantes do uso indevido das armas de fogo. Esse número é maior do que o de mortos na Guerra do Iraque e está aumentando”

A mesma pesquisa demonstra que cada dia mais se fortalece uma cultura do medo no imaginário brasileiro, e que esta cultura é respaldada por uma consolidada e em expansão indústria do medo no país.

Indústria e Cultura do Medo

O que a pesquisa chama de “indústria do medo” diz respeito aos gastos e investimentos em segurança privada. Segundo os dados do PNUD, só no ano de 2002 os gastos com segurança privada no Brasil somaram, aproximadamente, R\$ 70 bilhões, montante equivalente ao consumo de 10% do PIB brasileiro (Jornal do Comércio, 29/04/2004). Com resultados previsíveis no trato dos segmentos mais pobres e nas despesas públicas em saúde e educação. O alto consumo e investimento na indústria do medo significam, de acordo com a pesquisa, “que muitos investimentos sociais deixam de ser feitos (no país) para cuidar de segurança” (Jornal do Comércio, 29/04/2004).

Os jovens são os que mais sofrem como vítimas ou executores dos investimentos maciços com a indústria do medo no país. A maior parte das vítimas de homicídios executados concentra-se na população masculina com idade entre 15 a 24 anos, de acordo com dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, divulgados pelo Jornal do Comércio, de 30 de abril de 2004. Executadas através de disputas entre gangues e, sobretudo, nas chacinas envolvendo grupos de extermínio, cujos agentes são, muitas vezes, recrutados entre as polícias civis e militares dos estados, quando não pelas ações das próprias polícias.

Como pode ser visto em um levantamento rápido nas notícias sobre homicídios e execuções sumárias, arbitrárias e extrajudiciais no Brasil, entre dezembro de 1987 e novembro de 2001, 3.937 crianças e adolescentes morreram na cidade do Rio de Janeiro, por ferimentos à bala (Jornal do Comércio, 02/09/2003). Em São Paulo, apenas no ano de 2002, foram registrados 66 chacinas com um total de 219 mortes, com mais de cinquenta por cento dos casos envolvendo crianças e adolescentes (Jornal do Comércio, 25/12/2002), e na cidade do Recife, de janeiro de 2001 a dezembro de 2002, 332 pessoas foram vítimas de grupos de extermínio, grande parte delas constituída por jovens de até 25 anos (Jornal do Comércio, 26/09/2003).

As execuções sumárias no Brasil e a proliferação de grupos de extermínio são resultados sinistros dos pesados investimentos na política de segurança privada ocorrida no país durante o período ditatorial, sobretudo no seu período mais sombrio na década de 70 do século passado (CALDEIRA, 1991).

Segundo o Jornal do Comércio de 26/09/2003, o termo ‘esquadrão da morte’, surgiu no Rio de Janeiro, na década de 1970, criado pela imprensa para designar o grupo de extermínio dirigido pelo então delegado Sérgio Fleury, na cidade. São instituições ilegais organizadas e que atuam como um negócio, onde a morte é a mercadoria. Sob pagamento executam indivíduos ou bandos que ameaçam interesses de comerciantes, empresários ou pessoas dispostas a pagar.

despesas mensais. No Brasil, 85% das famílias têm dificuldade de chegar ao fim do mês com o rendimento do grupo. Pernambuco, Paraíba e Piauí se encontram entre os três estados com os piores percentuais do país, com índices de 92% a 92,5% de famílias que não conseguem manter-se com os rendimentos mensais disponíveis (Jornal do Comércio, 20/05/2004).

É interessante notar que, ao assim agirem, esses grupos demonstram, de um lado, o alto grau de impunidade sob a ação homicida no país e, por outro lado, atualizam e expandem a cultura do medo que se amplia e toma conta do imaginário do brasileiro comum. Nos grupos de extermínio quase sempre atuam policiais civil e militares na ativa ou aposentados, na ação direta ou no comando das ações de execução. Apenas em um dia de noticiário de um jornal do estado de Pernambuco foram citadas várias investigações sobre a participação de policiais e, até mesmo de um juiz federal, em grupos de extermínio no estado (Jornal do Comércio, 30/04/2004).

A ação dos grupos de extermínio, das mortes sob encomenda, coloca em cheque a ação policial legal e o sistema de justiça no país, ao mesmo tempo em que *pari passu* ajudam na expansão das milícias privadas. Estas, diferentes dos grupos de extermínio atuam como demanda própria na ação de 'segurança': são vigilantes de ruas residenciais e comerciais, são seguranças de bares, boates e restaurantes, entre outros tantos. Em um artigo anterior sobre a violência no estado da Paraíba (KOURY, 1993), foi identificado a estreita relação entre o aparato policial legal e o das milícias privadas no estado e no Brasil como um todo. Ação, inclusive, justificada pelas próprias autoridades policiais, que na maior parte dos casos fazem descaso ao uso do 'tempo livre' do policial.

Com salários pequenos muitos policiais engrossam não apenas os grupos de extermínio, mas também uma conseqüência deles e da cultura do medo instalada e em expansão no país, isto é, grupos de atuação em segurança privada informal. Formam, com grande número de desempregados, as turmas de vigilantes de rua, conhecidos em várias cidades brasileiras como 'a turma do apito', são seguranças de restaurantes e casas noturnas e pontos comerciais, aparentemente agindo de forma independente, no entanto todos sujeitos a uma relação de proximidade com o aparato legal policial ou os aparatos, também legais, de empresas de segurança privada que dominam as cidades.

As ações de proteção criam uma rede de poder e controle enorme. Não só são abastecidas de forma imediata por policiais e agentes de segurança privada em seus momentos de folga, como forma de complementação salarial, mas também criam todo um circuito de intimidação e submissão desses agentes de vigilância independentes, que muitas vezes tem que pagar uma cota mensal para permanecerem atuando.

Assim, por exemplo, as ações das turmas do apito são manipuladas pelos aparatos policiais do estado bem como pelo aparato institucional de segurança privada, de forma encoberta. Os lucros obtidos pela ação destes serviços de segurança não oficiais são repassados em forma de cotas de funcionamento para as mãos de policiais ou agentes de firmas de seguranças privadas que fazem a ronda local, de uma rua, de quarteirões, etc., com isso há uma espécie de permissão branca para ação destes grupos. Por outro lado, da parte dos moradores, em sua maioria de classe média, aceitam pagar aos vigilantes da turma do apito por se sentirem intimidados. Muitos, - perguntados em pesquisa direta pelo autor, entre outubro de 2003 a abril de 2004, nas cidades de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, Recife, capital do estado de Pernambuco e Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, - responderam que é uma forma de não terem suas casas assaltadas por estes mesmos homens que fazem a ronda do apito.

Afirmam que em sua maioria são habitantes das favelas e regiões mais pobres que circulam os bairros e que fazem às vezes de olheiros das casas, sabem quando os moradores estão ou não nas casas, quais as que tem aparato maior de segurança, entre outros elementos reais ou imaginários que dão suporte a cultura do medo e ao financiamento de esquemas de proteção. Ao pagarem aos vigilantes de rua os habitantes de classe média, em sua maioria, sentem-se mais inseguros. O preço da busca de proteção pela intimidação é uma maior insegurança, por criarem um elo de intimidação e medo com parcelas da população vistas por eles como marginais.

A descrença na segurança policial os faz criarem acordos e submeterem-se ao pagamento por intimidação e assim, no imaginário da classe média, não terem suas casas assaltadas ou seus carros roubados entre outros possíveis acidentes. Essa segurança pactuada é uma espécie de ampliação do sentimento de insegurança generalizada da população, que busca se garantir da intimidação a que estão sujeitas, com um maior custeio de objetos de segurança pessoal e doméstica. Intimidados, os habitantes de classe média das cidades brasileiras reproduzem a cultura do medo investindo na indústria do medo em expansão no país. Os muros das casas começam a subir, alguns com mais de dois metros de altura, são implantados sistemas de vigilância ótica, alarmes, circuito de televisão nas entradas saídas e em todos os cômodos da

casa, cercas elétricas, cachorros ferozes entre outros recursos de uma indústria sempre inventiva e com novidades no mercado.

Tanto investimento em segurança pessoal e submissão ao mercado informal de vigilantes e das turmas do apito, só fazem crescer o sentimento de insegurança e desconfiança com os aparatos legais da polícia e do estado, e a sensação de medo é ampliada. O medo permanente de ser assaltado em casa ou na rua ou no trabalho faz as pessoas mudarem de hábitos nas comunicações interpessoais com desconhecidos, fechando-se em casa e evitando outras pessoas.

O medo do outro parece enclausurar o sujeito, sobretudo de classe média, que tem dificuldades de relacionamento e sentimento de solidão amplificado (ELIAS, 1990, 1993 e SENNET, 1998). O que provoca uma sensação nostálgica do que passou, de um tempo que não volta mais, onde os vizinhos se comunicavam entre si, havia mais cordialidade e menos agressividade.

O entorno das moradias se tornam, assim, ameaçadores. Os habitantes mais pobres da cidade são evitados e objetificados através da ótica perversa, construída pela cultura do medo, como 'marginais', de delinquentes. O sentido da violência torna-se, deste modo, endêmico, banalizando a vida e tornando o ato de viver em um instrumento de segurança pessoal e privada cada vez maior. As mortes violentas e as chacinas começam a se tornarem toleráveis e não provocam mais indignação e, são mesmo, até desejadas como forma de diminuição das ameaças pessoais.

Cultura do Medo e Juventude

De acordo com uma pesquisa que busca traçar o perfil da juventude brasileira, realizada pelo Sebrae, 63% dos entrevistados nas capitais e regiões metropolitanas brasileiras, com idade entre 15 a 24 anos, demonstraram preocupação com a violência e com a falta de segurança no país (Jornal do Comércio, 02/05/2004). O que sinaliza para uma descrença nas políticas públicas nacionais e um receio pessoal crescente de frequentar espaços públicos, ou mesmo de aproximarem-se de outros cidadãos, principalmente de jovens como eles. Embora reforcem o medo nos indivíduos jovens de classes mais baixas, o receio estende-se a todos os jovens de camada social igual ou mesmo superior a deles.

A cultura do medo constrói, assim, uma barreira invisível que separa as pessoas e as isolam e as fazem temer tudo e todos e nunca confiarem no outro³. Entre os jovens este embaraço ganha contornos mais nítidos, associado que está a um distanciamento maior e cada vez mais alongado do poder de consumo que vai desde o tempo e a qualidade da educação formal, à questão da inserção no mercado de trabalho precoce e cada vez mais difícil, até a aquisição de objetos de moda. O que amplia a distância entre classes, com a exclusão e banalização dos miseráveis, ao mesmo tempo em que, também, demanda um estranhamento geral, já que jovens de classe média baixa e às vezes alta são cada vez mais apontados como executores de atos de delinquência juvenil. Atos que vão desde a participação em roubos e furtos, espancamentos de outros jovens, envolvimento com droga, não apenas como consumidores mais também como integrantes do tráfico, à prática do estupro, seqüestro e morte.

Várias reportagens na mídia nacional dão destaque a grupos de jovens de classe média alta envolvidos em espancamentos e lutas corporais, por motivos banais, em todas as capitais dos estados brasileiros. Desde tocar fogo em um índio que se encontrava dormindo em um ponto de ônibus na cidade de Brasília, ou espancaram mendigos nas ruas, como aconteceu nas cidades de Recife e do Rio de Janeiro, até espancamentos de outros jovens por rixa de grupos rivais, ou por que estavam com a ex-namorada de um outro, ou por que um dos participantes de um grupo achou que houve insinuações para um outro dos membros do seu grupo, - do sexo masculino e, sobretudo, do feminino, - por um ou mais dos membros do grupo oposto, e envolvimento com estupro e com drogas, entre outros casos, são fatos de destaque na mídia nacional, desde os anos finais do século XX. O que quase sempre promove comoções e alarme por parte das famílias brasileiras, pelo receio do que possa acontecer a um dos seus filhos na saída inocente para uma festa, um bar, ou boate e, sobretudo, pela impunidade dos jovens causadores desses atos. Impunidade, a maior parte das vezes, ocasionada pela morosidade da

³ Ver, por exemplo, o importante estudo sobre a Cultura do Medo nos Estados Unidos (GLASSNER, 2003), que serviu como fio condutor para o documentário *Tiros em Columbine* de Michel Moore, premiado com o Oscar 2003.

justiça, ou, o que é muito mais grave, pela importância econômica ou social dos pais dos participantes.

A cultura do medo faz as famílias dos jovens desconfiarem de todos os colegas dos seus filhos, mesmo os de famílias a muito conhecidas, pois como confidenciaram mais de um casal de pais de adolescentes e adultos jovens em entrevistas ao autor *“nunca se sabe, na verdade, quem é que está com o nosso filho”*, ou, *“às vezes é filho de um conhecido de muito tempo, mas, que se revela um pequeno delinquente, podendo estar envolvido com droga ou com coisa pior”*, ou *“até meu filho chegar em casa eu não descanso, pois não sei até onde vai o espírito dos coleguinhos dele”*, ou *“será que ele vai ser assaltado por um marginal na rua”*, ou *“será que vai se envolver com brigas puxados por outros”*, ou *“vai ser objeto de chantagem de policiais em busca de dinheiro fácil”*, *“será que vai ser vítima de estupro”*, entre outras indagações e medos imaginários e possíveis, visto a construção cotidiana da mídia sobre a fragmentação social e a exposição dos jovens a um mundo de maldades e sem lei.

Como exemplos citam casos expostos cotidianamente na mídia de adolescentes e jovens vítimas de assaltos, estupros, intimidações várias por outros jovens *“de rua”*, como são considerados no geral os jovens pobres que freqüentam a cidade, ou por gangues de jovens, na maior parte, - no pensamento mágico, influenciado pela mídia, que expande a cultura do medo no país, - composta por jovens marginais ligados ao tráfico de drogas ou ao desmanche de carros.

Citam, também, as relações intraclasse nas disputas entre jovens pobres intimidando os que querem seguir o *“caminho do bem”*, ou grupos de jovens pobres na disputa de espaços nos bairros e ruas onde moram⁴, ou entre jovens mais ricos e mais pobres de classe média e média alta como relações perigosas. Os de classe média e média baixa têm medo das relações travadas com outros jovens de classe média alta, pelo uso do poder e impunidade desses últimos. Lembram notícias publicadas em jornais e na mídia em geral de jovens espancados por outros jovens, envolvidos em disputa de espaço ou de namoradas, sendo os espancadores todos de classe média mais alta, ou no caso de estupros e mortes de adolescentes patrocinados por grupos de jovens de classe média alta e alta, e a impunidade que cercam esses crimes, por causa do poder político ou econômico dos pais.

Os pais de classe média alta ou alta, por sua vez, se dizem com receios das amizades dos filhos com colegas de escola e universidade, muitas vezes autores de seqüestros ou mortes dos seus filhos, se não de toda a família da vítima. Por motivo de *“querer um dinheiro mais fácil”* para comprar tal ou qual objeto de consumo da moda, assim, esses jovens de classe média mais baixa, segundo os pais das vítimas e, sobretudo, pelas notícias veiculadas pela mídia, *“aproveitavam do fato de serem amigos dos de classe mais alta”* e os faziam de vítimas para alcançarem os seus objetivos.

Citam, como forma de comprovar seus medos, notícias publicadas na mídia nacional sobre jovens seqüestrados ou mortos por outros jovens, que freqüentavam a mesma universidade ou classe escolar e eram amigos de saídas para estudo ou lazer e freqüentavam a casa um do outro, quando não o assassinato de todos os familiares dos jovens das casas em que freqüentavam, por motivos banais, ou para roubar aparelhos eletrônicos, ou por simples inveja, ou a influência nefasta de namorados que, por vingança dos pais que não permitem o namoro, induzem o ou a parceiro ou parceira a matar os pais⁵.

Ao mesmo tempo em que a violência, de forma concomitante e simultânea com o processo até então explorado neste trabalho, parece ter se tornado banal e até democrática na contemporaneidade brasileira. A violência e o seu corolário o medo da violência, parecem funcionar, deste modo, como meio de expressão e estilo de vida, especialmente entre os jovens.

⁴ O autor (KOURY, 2004, 2004a, 2002) estudou um grupo de jovens, com atuação nos bairros populares e áreas periféricas da cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, Brasil, para uma pesquisa maior sobre Medos Corriqueiros (KOURY, 2002a, 2002b, 2002c). O objetivo central deste grupo é centrado no apoio e integração social dos jovens pobres e na busca da cidadania através do evangelho. Este grupo disputa espaço com outros jovens de outros grupos da cidade, de quem procuram se diferenciar na ação, e na identificação de si mesmos entre o antes e o depois de entrar no grupo).

⁵ Ver, por exemplo, Folha de São Paulo, 08/11/2002; 22/11/2002; 26/11/2002; 30/12/2003 e 11/05/2004; Jornal do Comércio, 05/05/2001; 13/06 a 03/11/2003; 11/11/2003; 15/04/2004; 20/05/2004, entre outros, em uma rápida pesquisa on-line, notícias publicadas sobre seqüestros e assassinatos de jovens de classe média alta e alta ou seus pais, por outros jovens que se diziam amigos, colegas ou namorados, ou induziram jovens a matarem seus próprios pais e parentes, por vingança ou droga.

A violência e os atos violentos ocupam o espaço deixado pela fragmentação dos valores sociais mais pessoalizados em uma sociedade de mudanças profundas nas esferas comportamentais e caminhando para um individualismo “selvagem” como modo de vida, já que as devidas regras sociais do novo momento da sociabilidade brasileira não se encontram de todo claras, ou sequer esboçadas. Os valores que criam a identidade do indivíduo, desta forma, pulverizados e questionados no seu potencial de pertença, parecem colocar-se no social de forma frágil e transitória, ampliando a solidão dos sujeitos e amplificando o imaginário social do outro como concorrente, como inimigo ou estranho (KOURY, 2003), contribuindo para os contornos sociais de onde se visibilizam as interações entre indivíduos para esse novo caráter da violência expressa de diferentes maneiras pela mídia e que parece conformar o imaginário dos cidadãos. O que parece gerar nos cidadãos, jovens e adultos, uma enorme obsessão pelo medo, entre outros atributos, usados pela cultura do medo como um sustentáculo e ampliação da indústria que a mantém.

Deste modo, todos os jovens tornam-se sob suspeição. Os mais pobres, comumente, são os considerados marginais ou bandidos per si, pelo simples fato de serem pobres. O que equivale à visibilidade concreta da barreira social que está presente de modo claro separando os que têm algum acesso aos benefícios sociais, culturais e econômicos de um cidadão e os que simplesmente ousam existir (a maioria da população). Os demais das classes médias (baixa, média e alta e suas variações em torno de cada faixa) e da classe alta são suspeitos uns em relação aos outros, provocando um medo generalizado sobre as ações possíveis que envolvam cada jovem em particular como vítima ou autor de um ato de maldade.

Digo maldade porque a cultura do medo termina por levantar uma discussão geral e presente no imaginário do brasileiro médio, da relação entre o bem e o mal intrínseco. Onde o bem é sempre visto do lado do seu ou meu jovem e o mal em relação aos outros jovens em geral. Relação imaginária que provoca a suspeição de todos como universo de precaução pessoal⁶.

Conclusão

É interessante apontar, no momento final deste trabalho, uma exposição fotográfica sobre as favelas do Rio de Janeiro⁷, em cartaz no mês de maio de 2004, que teve grande repercussão na mídia, sobretudo, televisiva. Esta exposição acontece no momento em que a cidade do Rio de Janeiro vive um momento difícil de relações entre gangues ligadas à indústria das drogas, que dominam os morros da cidade e a polícia militar, com uma grande cobertura na mídia pelo “caos” social na cidade, pela falta de segurança e descontrole do governo estadual e municipal do estado do Rio de Janeiro. Tropas militares sendo inclusive acionadas para garantir a ordem interna.

Esta exposição, por sua vez, com fotos tiradas por moradores jovens, entre 15 a 25 anos e moradores das favelas do Rio de Janeiro, mostra o cotidiano dos moradores e dos lugares fotografados. Em vez de se dedicarem a fotografar a violência, o conjunto fotográfico trabalhou o sentido inverso: as favelas como palco de socialização, de gente de bem, de pessoas que lutam pela sobrevivência com dignidade, de crianças que brincam, de jovens que trabalham e estudam e elaboram projetos de vida, de mães e de pais cuidando dos seus filhos, da paisagem – o por do sol, o amanhecer na favela, e algumas “vistas” da “cidade maravilhosa” através do olhar do “morro”, entre outras, – singelas. Enfim, de uma gente que sofre o dia a dia de uma vida pobre mais que também se diverte, se mobiliza, tem fé, - religiosa, política, na vida futura, que estuda,

⁶ A questão chega a tal ponto que um dos apresentadores famosos de programas populares da televisão brasileira, no seu *Domingo Legal*, no ano de 2003, como forma de aumentar audiência, forjou um *furo* de reportagem onde exibiu atores disfarçados de “bandidos”, ameaçando celebridades, governadores, sacerdotes, artistas e outros apresentadores, entre outras personalidades, de seqüestro e morte. O que exacerbou o medo entre os cidadãos (*Veja*, 12 de maio de 2004). O fato foi desmascarado por um dos apresentadores de outro canal televisivo que teve o seu nome relatado entre os possíveis seqüestrados, que conseguiu chegar aos atores que encenaram a farsa desmascarando o *furo* jornalístico da matéria sensacionalista exibida no horário da tarde, por várias semanas consecutivas para todo o Brasil. Este fato alertou organizações de defesa civil que passaram a se mobilizar contra esse plano perverso por trás de uma luta de audiência em função de uma ampliação do medo no território nacional.

⁷ Exposições fotográficas com intuito semelhante já foram realizadas em várias cidades do país, como a exposição fotográfica “*Por trás das antigas fachadas*”, que fala da organização social e cotidiano de uma população que habitam um conjunto de prédios abandonados na parte antiga da cidade do Recife, Pernambuco, entre outras nas cidades de Belém, Pará, Salvador, Bahia, São Paulo, São Paulo, etc.

que namora, que casam, que se reproduzem, que cuidam de seus lares e do dia a dia de suas vidas, que possuem projetos e procuram conseguí-los, ou se frustram, mas com dignidade.

O conjunto fotográfico enfatiza o cotidiano de um bairro pobre, de uma favela, como uma outra forma de ver os espaços dos homens, de ver a organização social interna de uma comunidade e os cidadãos que nela habitam e as formas de se inter-relacionam-se, por trás da cultura do medo e da indústria que a provoca. Este é o fato novo levantado pela exposição destes jovens sobre a vida cotidiana nas favelas. Revira, deste modo, a ênfase ao temor amplificado sobre a guerra do tráfico e da violência em uma cidade brasileira específica, a do Rio de Janeiro, trazido à baila até a exaustão pela imprensa. A tal ponto que a própria imprensa terminou por dar destaque (*Programa Fantástico*, Revista televisiva semanal, Rede Globo, 16 de maio de 2004).

A ênfase do destaque à exposição pelo *Fantástico*, contudo, foi a de demonstrar a necessidade dos jovens de mostrar que também existe vida “do bem” entre os pobres, encoberta pela violência. Ressaltou, assim, a mostra através de um viés de vitimidade. De um esforço da pobreza “digna” exposta à violência desenfreada, procurando mostrar que não só de violência vivem os morros cariocas. A mensagem da exposição, portanto, sendo desvirtuada. Indo de encontro, mesmo, ao sentido proposto pela mostra fotográfica, que fala sobre o cotidiano diversificado de um espaço habitado. Procurando mostrar as favelas como um espaço de sociabilidade como qualquer outro, cheio de humores, cheio de esperanças, cheio de expectativas, cheio de carinho e raiva, cheio, enfim, das emoções humanas interconectadas no ato social. A mostra fotográfica busca revelar o lado lúdico e cotidiano das pessoas que lá habitam, sem esconder que qualquer espaço habitado é um espaço múltiplo e diversificado e, portanto, sempre conflitual. Na mostra, porém, os conflitos e diversidades procuram ser encarados como uma forma humana de vencer as barreiras e entraves dispostos no cotidiano da vida.

A vida em locais de pobreza, assim, é retratada na exposição nos seus aspectos mais diversos de pertença que sempre opera entre ordens estipuladas, da intimidade pessoal ou familiar, ou da coletividade. Capta os coloridos específicos do lugar, em sua mediação com a sociedade mais ampla, e seus diversos humores, regras e formas de condutas, anseios, temores, amorosidades e conflitos.

Conflitos encarados como as tensões diárias, às perdas corriqueiras, os estranhamentos possíveis, e seus correlatos, e não apenas através de uma visão maniqueísta da violência exacerbada entre “bandidos” e “polícia” ou “bandidos” e “bandidos” ameaçando a sociedade em geral no cenário terrível da luta entre o bem e o mal. A mostra fotográfica não procura, assim, negar a existência da violência e da violência organizada, mas procura demonstrar que ela, na forma que é repassada pela mídia e instrumentalizada no imaginário nacional, não é o fundamento do tecido social que se enreda e funda possibilidades de ações cidadãs e novos cidadãos em atividade reflexiva sobre si mesmo e os outros sociais.

Giddens afirma, em seu estudo sobre *Modernidade e Identidade* (2002, p. 88), que “as relações pessoais, quaisquer que sejam a duração que tenham, geram tanto tensão, quanto recompensas”. Mesmo reconhecendo, aqui, que toda e qualquer relação social e pessoal é movida e estão repletas de e pelo conflito, isto é, entendendo como Simmel o conflito como fundamento da ação social, as brigas e as disputas aqui trabalhadas, no caso brasileiro atual, parecem se tornar regra, pela vulnerabilidade da exposição do jovem ao social e, principalmente, a fragmentação do tecido social a que se encontram expostos. O que fragiliza as relações cidadãs e expande o sofrimento emocional e social como parte do viver.

A grande questão da cultura da violência, no Brasil, é a de encobrir os enormes problemas sociais ligados, sobretudo, a escassez de recursos para a educação, saúde e geração de empregos, e do desvio desses recursos para ações ligadas à indústria e cultura da violência. Indústria esta, que consome recursos estratosféricos em manutenção e atualização de um quadro social de receios e medos nos cidadãos das diversas camadas sociais. Cultura que, ao mesmo tempo, amplia a margem de negócios com artigos de segurança privada e pública e reforça os laços da indústria do medo com a produção do próprio medo e seus correlatos como a corrupção, o desvio de verbas destinadas a políticas públicas e sociais, o envolvimento de setores do estado, de políticos e de policiais com os cartéis da droga, e com os desmandos do poder em todas as instâncias do social. Com isso, amplia as margens de vulnerabilidade social, sobretudo entre os

jovens, onde as relações pessoais, institucionais e sociais se tornam incertas, sujeitas a concorrência desenfreada onde a regra é não ter regra e onde tudo vale por “um lugar ao sol”, e preenchidas pelo medo do outro, ampliando as possibilidades de tensão intra e interclasses.

Martins e Telarolli (2004), em um artigo recente, discutem as razões pelas quais os jovens não permanecem ou optam pela criminalidade em uma sociedade movida pela cultura e indústria do medo como a brasileira atual. Para elas (p. 81), na medida em que os jovens envolvidos ou potencialmente sujeitos a ações de risco vão tendo oportunidades de repensar e, concomitantemente, de ingressar em outros espaços culturais de sociabilidade, o sentimento de pertencer a uma rede de violência, ou a grupos e gangues onde a violência seja a regra, tende a perder a importância.

Elas procuram demonstrar que, com uma política social adequada é possível modificar a tendência imaginária e real da quase destinação dos jovens brasileiros à violência. As autoras, deste modo, reiteram a importância de políticas públicas voltadas à clientela infanto-juvenil, como uma das medidas de implantação do processo democrático e cidadão para as novas gerações (p. 82).

O que possibilitará, como resultado, conseqüentemente, em um possível envolvimento dos jovens com outras atividades. Atividades onde a existência de calendários pessoais ou de planos de vida, em relação aos quais o tempo pessoal da vida é manejado, poderá se sobrepor a objetificação do presente diário. Movimento este que tenderá por justapor-se, enfim, à banalização da vida pessoal e coletiva e à falta de projeção do si no futuro de um social por eles, e para eles também, em construção.

Referências Bibliográficas

- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. “Direitos humanos ou ‘privilegio de bandidos’? Desventuras da democratização brasileira”. *Novos Estudos*, n. 30, pp. 162 a 174, julho de 1991.
- CASTRO, M. G. (Coord.). *Cultivando vida, desarmando violência: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza*. Brasília, UNESCO, 2001.
- COSTA, Márcia Regina. “Juventude e violência: a produção de subjetividades conservadoras”. *Margem*, ISSN 0103-8915, n. 7, pp. Agosto de 1998.
- DIÓGENES, Glória. *Imagem e narrativas: registros afetivos*. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, <http://www.rbse.org3.net>. ISSN 1676-8965, v.1, n.2, pp.152-170, agosto de 2002.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. 2 volumes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990 e 1993.
- GAJOP, Galeras, *comportamentos violentos na adolescência*. Recife, Relatório de Pesquisa, 1993.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.
- GRASSNER, Barry. *Cultura do Medo*. São Paulo, Francis, 2003
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. “As violências invisíveis na Paraíba – 1993”. *Política & Trabalho* ISSN 0104-8015, n. 8-10, pp. 3 a 12, abril de 1994.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. “Medo e sociabilidade”. *RAE – Revista de Antropología Experimental*. <http://www.ujaen.es/huesped/rae>, ISSN 1578-4282, n.2, pp.1-12, 2002a.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. “Medo, vida cotidiana e sociabilidade”. *Política & Trabalho* ISSN 0104-8015, n. 18, pp. 9 a 21, setembro de 2002c.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. “Medos corriqueiros: Em busca de uma aproximação metodológica”. *Conceitos* ISSN 1519-7204, v. 5, n. 8, pp. 120 a 127, Jul /dez de 2002b.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. “Pertença e controle social. O uso dos apelidos entre os Deltas”. *RAE – Revista de Antropología Experimental*. <http://www.ujaen.es/huesped/rae> ISSN 1578-4282, n.4, pp.1-10, 2004a.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *As fronteiras da pertença. Um estudo sobre Medos e Sociabilidade entre um grupo de jovens no urbano brasileiro contemporâneo*. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, <http://www.rbse.org3.net>. ISSN 1676-8965, v.3, n.7, pp.39-54, Abril de 2004.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Sociologia da Emoção*. Petrópolis, Vozes, 2003.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Confiança e sociabilidade. Uma análise aproximativa da relação entre medo e pertença*. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, <http://www.rbse.org3.net>. ISSN 1676-8965, v.1, n.2, pp.171-205, agosto de 2002.
- MARTINS, José de Souza (Coord.). *Massacre dos inocentes. A criança sem infância no Brasil*. São Paulo, Hucitec. 1993.

MARTINS, Regina Helena Oliveira e TELAROLLI, Teresa Cristina. Experiências de violência: gangues e armas. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, <http://www.rbse.org3.net>, ISSN 1676-8965, v.3, n.7, pp.55-82, Abril de 2004.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: As tiranias da intimidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SPOSITO, Marília Pontes. “A sociedade juvenil e a rua: novos conflitos e a ação coletiva na cidade”. *Tempo Social*, ISSN 0103-2070, v. n. pp. Novembro de 1994.

TAKEUTI, Norma Missae. No outro lado do espelho. A fratura social e as pulsões juvenis. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

VIANA, Hermano (Org). *Galerias cariocas*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1997.

Outras Fontes Bibliográficas

Fantástico – Programa Semanal da Rede Globo de Televisão, domingo, 16 de maio de 2004.

Folha de São Paulo, São Paulo, nos anos de 2000 a 2004.

Jornal do Comércio, Recife, nos anos de 2000 a 2004.

Veja, São Paulo, 12 de maio de 2004.